

TOPÔNIMOS DE ALGUNS MUNICÍPIOS DA REGIÃO ARAGUAIA

LINGUISTIC EDUCATION FOR CRITICAL AND CREATIVE ACTION: A TRANSDISCIPLINARY INITIATIVE IN ENGLISH CLASSES

Célia Márcia Gonçalves Nunes Lôbo 1
Hidelberto de Sousa Ribeiro 2

Resumo: Neste artigo, objetivamos refletir sobre uma iniciativa transdisciplinar em aulas de inglês de um curso de formação universitária de professoras de línguas, com vistas a compreender seus possíveis desdobramentos para uma atuação crítica e criativa em contextos outros de educação linguística – a escola de educação básica sendo uma delas – e para além deles. Para tanto, fundamentamos nossas discussões em Andreotti e Menezes de Souza (2008a, 2008b), Ferraz (2015), Moraes (2015), Morin (2000), Rosa Suanno (2013), Suanno (2010, 2021), entre outras. Como aparato metodológico, nos valem da pesquisa qualitativa e interpretativista (DENZIN; LINCOLN, 2013). A iniciativa que analisamos foi inspirada na obra “Lendo o mundo por outros olhos”, de Andreotti e Menezes de Souza (2008a). Nossa análise aponta para uma atuação crítica e criativa das discentes envolvidas como desdobramentos dessa ação transdisciplinar, o que nos remete a uma relação não-linear de diferentes saberes e espaços.

Palavras-chave: Educação. Linguística. Transdisciplinaridade. Língua Inglesa.

Abstract: In this article we aim to reflect on a transdisciplinary initiative in English classes of a university language teacher education course, in order to understand its possible consequences for a critical and creative performance in other contexts of language education – including the basic education school - and beyond them. To this end, we based our discussions on Andreotti and Menezes de Souza (2008a, 2008b), Ferraz (2015), Moraes (2015), Morin (2000), Rosa Suanno (2013), Suanno (2010, 2021), among others. As a methodological apparatus, we use qualitative and interpretive research (DENZIN; LINCOLN, 2013). The educational initiative we analyzed was inspired by the work “Reading the world through other eyes”, by Andreotti and Menezes de Souza (2008a). Our analysis points to a critical and creative performance of the students involved as developments of this transdisciplinary action, which leads us to a non-linear reconnection of different knowledge and spaces.

Keywords: Linguistic. Education. Transdisciplinarity. English Language.

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás, Câmpus Goiânia. E-mail: celiamarciagn@hotmail.com | 1

Doutor em Sociologia e Pós-doutor em Geopolítica. Docente da Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Universitário do Araguaia, Barra do Garças-MT. E-mail: hidelbertos@maill.com.br | 2

Introdução

Este estudo discute o processo histórico que levou ao aparecimento alguns topônimos nos municípios de Barra do Garças-MT, Araguaiana-MT, Nova Xavantina-MT e Baliza-GO, situados a região do Médio Araguaia, a fim de mostrar que suas origens estão diretamente associadas a aspectos histórico-geográficos, linguísticos e culturais. Além disso, procura evidenciar os processos que geram tais nomenclaturas que estão na base da criação toponímica. A análise foi amparada na metodologia qualitativa em que se utilizou como procedimentos de pesquisa os estudos orais e de memória, no uso de fotografias e na pesquisa de campo, e em teóricos como Bakhtin (1988), Bresciani (1992), Dick (1990, 2004), Diniz (1995), Guimarães (1995), Guirra (1990), Maeda (2006), Ribeiro (2000), Santos (2005), Saussure (1988), Zamariano (2006) entre outros que trabalham o tema e/ou aspectos em linguísticos e até geográficos.

Pelo exposto, estudar o homem visando compreender aspectos de sua cultura bem como conhecer o universo que o cerca é uma tarefa complexa e instigante. Primeiramente, porque há, na busca desse conhecimento, algumas relações subjetivas que devem ser consideradas, como, por exemplo, a história desse homem e todo um campo de adaptação dele a um espaço geográfico. Tal adaptação também desenrola outras questões como o enraizamento desse indivíduo a determinado território.

Recorrendo a Ribeiro “[...] todo ser humano comporta em si uma necessidade de construir um espaço da sociabilidade e, ao mesmo tempo, fincar raízes num determinado lugar” (RIBEIRO, 2000, p.64), podemos afirmar que o ato de nomear é uma das representações desse enraizamento, já que ao atribuir nome a um lugar, aquele que o faz está fixando ali muito de sua experiência de vida, cultura, valores e história.

Tendo em vista a quantidade inumerável de relações que podem ocorrer ao tentarmos discutir acerca do homem é que afirmamos ser um estudo instigante, pois nos remete a campos muito pouco explorados, como é o caso do estudo realizado nesta pesquisa que diz respeito aos topônimos de alguns municípios da região Araguaia. Para melhor esclarecimento:

[...] a Toponímia é uma das disciplinas que integram a ciência Linguística e se ocupa da origem e do significado dos nomes de lugares. É um dos ramos da Onomástica ou Onomatologia – ciência dos nomes próprios – cujo outro ramo, a Antroponímia, se ocupa do estudo dos nomes próprios de pessoas (MAEDA, 2006, p. 34).

A Toponímia consiste em um instrumento de pesquisa valiosíssimo, tanto para geógrafos, quanto para antropólogos, linguistas, historiadores, etc, pois, mediante seu estudo, é possível conhecer o homem em suas diversas relações com o mundo.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo demonstrar alguns topônimos dos municípios de Barra do Garças-MT, Araguaiana-MT, Nova Xavantina-MT e Baliza-GO, buscando relacionar à origem desses topônimos os aspectos históricos, linguísticos e culturais. No âmbito dessa relação, analisamos e discutimos os processos de nomenclatura que estão na base da criação toponímica.

Para realizar tal análise, nos amparamos em Dick (2004), que se dedica ao estudo de topônimos, propondo uma classificação de taxonomias toponímicas e explicando seus significados; a dissertação de mestrado de Zamariano (2006) que catalogou, fez a classificação taxionômica, a descrição e análise dos nomes dos acidentes físico-geográficos dos municípios paranaenses fundados entre 1648 e 1853, discutindo a interrelação homem, ambiente, língua, cultura; e a tese de doutorado de Maeda (2006), cujo trabalho teve o intuito de estudar, realizar uma classificação taxonômica e analisar os topônimos, buscando compreender “os motivos predominantes na denominação das propriedades rurais localizadas no pantanal Sul-mato-grassense” (MAEDA, 2006, p. 12).

O interesse pelo estudo de topônimos surgiu devido à ausência de pesquisas nessa área, em especial sobre os municípios em pauta. Sendo assim, este estudo torna-se muito pertinente já que, além de contribuir com informações acerca do tema, proporciona um panorama histórico-cultural do Vale do Araguaia mediante o estudo linguístico. Entretanto, vale ressaltar

que, neste artigo, apresentaremos apenas uma parte dos topônimos que estudamos, uma vez que o espaço disponível para o desenvolvimento da discussão não nos permite delongas.

O estudo foi baseado na metodologia qualitativa, em que foram utilizados como técnica de pesquisa, os estudos orais e de memória, o uso de fotografias e a pesquisa de campo. A amostra, que corresponde aos topônimos, foi selecionada a partir de conversas informais com diversas pessoas, buscando anotar as lógicas que envolvem a nomeação dos lugares das cidades em pauta. Além disso, por meio das entrevistas com os sujeitos informantes foi possível descobrir outros topônimos que ainda não havíamos catalogado.

Partindo do pressuposto de que a toponímia está intimamente relacionada à história, um dos critérios utilizados para a coleta de dados consistiu em escolher informantes que realmente detivessem conhecimento sobre a história da cidade em estudo. Dessa forma, em sua maioria, os entrevistados foram pessoas pioneiras das cidades. Por meio das entrevistas gravadas em áudio, “resgatamos” da memória desses sujeitos de pesquisa toda uma história oral muito significativa à pesquisa, ademais conseguimos informações que ainda não encontramos disponibilizada em nenhuma bibliografia publicada até então.

A seguir, apresentamos algumas considerações teóricas pertinentes à pesquisa, tais como o entendimento dos topônimos como signos linguísticos carregados de motivação e as taxonomias utilizadas na análise realizada nesta pesquisa.

A Importância do Signo Linguístico Toponímico

Se formos demarcar a origem dos estudos acerca da linguagem encontraremos várias análises ainda na Antiguidade grega, com Platão e Aristóteles, que apesar de não terem realizado um estudo da linguagem propriamente dita, discutiam as relações entre a palavra e o ser, e entre os signos e o universo. No entanto, é a partir dos estudos do francês de Ferdinand de Saussure, no século XX, é que a linguagem começa a se estabelecer enquanto uma formas de expressões culturais, por isso ele é considerado um marco da linguística moderna.

Na base do entendimento das teorias propostas por Ferdinand Saussure estão seus conceitos sobre linguagem e signo. Segundo esse estudioso, a linguagem consiste em um sistema de signos, os quais são compostos por um significante (imagem acústica, “forma que significa”) e por um significado (conceito, “uma ideia significada”), sendo esses dois elementos indissociáveis, como uma folha de papel em que ambos os lados não se desvinculam. Logo, não há significante sem significado e vice-versa.

Saussure esclarece que a imagem acústica a qual ele se refere “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos” (SAUSSURE, 1988, p. 80). Tanto o significante quanto o significado são, para Saussure, elementos psíquicos.

Antes de Saussure, os estudos sobre linguagem se ocupavam em investigar as línguas de forma histórica e comparativa, ou seja, por meio de uma metodologia que visava apenas comparar os fenômenos linguísticos e classificar as línguas em grupos de famílias. A esse estudo histórico-comparativo, Saussure chamou de Linguística Diacrônica e acrescentou uma outra Linguística, a Sincrônica.

Contrariamente ao estudo da mudança linguística, o ponto de vista sincrônico vê a língua como um sistema em que um elemento se define pelos demais elementos. No estudo sincrônico, um determinado estado de uma língua é isolado de suas mudanças através do tempo e passa a ser estudado como um sistema de elementos linguísticos. Esses elementos são estudados não mais em suas mudanças históricas, mas nas relações que eles contraem, ao mesmo tempo, uns com os outros (PIETROFORTE, 2002, p. 79).

Esse viés sincrônico proposto por Saussure é coerente com a ideia de valor linguístico também proposta por ele, a qual defende que a distinção entre determinado signo de outro está nas diferenças fônicas e contextuais que eles possuem.

Outro ponto que merece ser ressaltado na teoria dos signos de Saussure diz respeito à questão da arbitrariedade e da linearidade. O que Saussure chama de arbitrariedade do signo linguístico implica na afirmação de que não há relação alguma entre o significante e o significado, ou seja, o signo não é motivado, não há nada na imagem acústica que retoma o conceito. Para Fiorin (2002) com base nos estudos de Saussure, a escolha dos signos é convencional entre um grupo de pessoas, é consequência de um acordo coletivo entre os falantes (Fiorin, 2002).

Saussure ainda distingue os signos em “absolutamente arbitrário” e “relativamente arbitrário”. O signo é absolutamente arbitrário quando não há nenhuma relação entre som e sentido como, por exemplo, no signo *mar*. Já o signo relativamente arbitrário pode ser exemplificado pelas palavras formadas por composição ou derivação, como em *dezenove* (dez + nove).

A linearidade do significante aponta que o som é ordenado, se realiza no tempo, um após o outro para que seja compreendido, isto é, não se pode produzir dois sons simultaneamente, como também, não se pode dizer duas palavras no mesmo instante.

Com o passar do tempo, as teorias de Saussure têm sido discutidas por outros estudiosos e a teoria do signo linguístico proposta por ele, conseqüentemente, vai se desenvolvendo. Dentre esses estudiosos, podemos citar Hjelmslev, Potier e Bakhtin.

Destacando os estudos de Bakhtin (1988) sobre signo linguístico, constatamos uma diferença relevante. Conforme dito anteriormente, para Saussure o signo consiste na união de um conceito com uma imagem acústica, ambos psíquicos. Para Bakhtin, no entanto, o signo equivale a qualquer objeto do mundo físico que adquire um valor social. A discussão que Bakhtin realiza acerca do signo linguístico vai ao encontro da discussão desenvolvida neste artigo sobre os topônimos, pois, se para ele o signo é um fenômeno do mundo exterior, isso quer dizer que o signo se constitui no processo de interação social e é resultado das relações entre os indivíduos que compartilham uma mesma língua.

Enquanto para Saussure o signo é o ponto principal da linguagem; para Bakhtin o signo é apenas um ponto inicial de discussão sobre as ideologias, ou seja, um ponto que favorece o entendimento do homem na perspectiva social (GUIRRA, 1990). Por outro lado, Bakhtin (1988) concorda com a ideia da arbitrariedade do signo proposta por Saussure, mas afirma que o signo se cria entre os indivíduos e que por isso o arbítrio individual não existe.

Ao estudar o signo toponímico percebemos que a questão da arbitrariedade não se aplica, pois em se tratando de topônimos o fator principal está na motivação, a qual reflete as intenções e o contexto de quem nomeou. Diante disso, é interessante destacar o que Dick (1990) diz sobre o signo toponímico:

[...] embora o topônimo em sua estrutura seja] uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se no ato de batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo (DICK, 1990, p. 18).

Ainda segundo o autor, o topônimo “não é um signo linguístico especial, mas ao contrário, um designativo vocabular comum, acrescido, porém, da função específica de identificação dos lugares” (DICK, 1990, p. 81), e que por passar pelas mãos de um denominador, está carregado de seus valores. Dessa forma, o signo toponímico pode ser visto como um importante instrumento de pesquisa não apenas de linguistas como também de geógrafos, antropólogos, sociólogos, etc.

Eis a relação entre as afirmações de Bakhtin e o estudo toponímico, a motivação advinda do signo toponímico é extralinguística, é constituída socialmente, “as formas dos signos são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece” (BAKHTIN, 1988, p. 44). Intimamente ligado à questão da nomeação e apreensão da realidade, o signo toponímico (topônimo) representa e reproduz a realidade de um grupo social.

Taxonomias Toponímicas

De acordo com Dick (1990), os topônimos são constituídos por duas unidades, ou seja, um termo genérico e um termo específico. As taxonomias propostas por Dick têm o propósito de facilitar a compreensão da motivação toponímica dos lugares e classificar os topônimos de acordo com seus termos específicos, para isso elas são divididas em duas áreas, as físicas e as antroponímicas. Segundo Sapir (1969):

Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte (SAPIR, 1969, p. 44).

Dick sugere que se utilize o termo específico *topônimo* precedido de outro termo genérico, por exemplo, *hidro* - relacionados à água, para então formar a taxonomia desejada - *hidrotopônimo*. Por considerar este tipo de classificação mais adequado a nossa realidade brasileira, escolhemos classificar os topônimos deste estudo de acordo com o modelo proposto por Dick (2004) que, como foi citado anteriormente, divide-se em taxonomias de natureza físicas (11) e antroponímicas (16), totalizando vinte e sete (27) taxonomias.

Taxonomias de Natureza Física

Astrotopônimos: são os topônimos que se referem aos corpos celestes, com ou sem luz própria: fazenda Cruzeiro do Sul – MT;

a) *Cardinotopônimos*: são os topônimos que fazem referência às posições geográficas em geral: Fazenda da Divisa – MT, Nortelândia – MT;

b) *Cromotopônimos*: são os topônimos relacionados às cores: Serra Azul – MT.

c) *Dimensiotopônimos*: são os topônimos que se referem à dimensão do acidente geográfico (extensão, comprimento, largura, dimensão, profundidade, espessura, altura): Córrego Fundo – MT;

d) *Fitotopônimos*: são os topônimos de índole vegetal: Cana Brava do Norte – MT, Córrego Buriti Verde – MT;

e) *Geomorfotopônimos*: são os topônimos que fazem relação às formas topográficas, sejam elas elevações (montanha, monte, morro, colina), depressões do terreno (vale, baixada) ou formações litorâneas (costa, cabo, angra, ilha, porto): Chapada dos Guimarães – MT;

f) *Hidrotopônimos*: são os topônimos que se referem aos elementos e acidentes hidrográficos em geral (água, córrego, rio, ribeirão, braço, foz): Água Boa – MT, Barra do Garças – MT;

g) *Litotopônimos*: são os topônimos de índole mineral e referente à constituição do solo (barro, barreiro, tijuco, ouro): Córrego da Prata – MT, Pedra Preta – MT;

h) *Meteorotopônimos*: são os topônimos que remetem a ideias de fenômenos atmosféricos (vento, chuva, trovão, neve): Primavera do Leste – MT;

i) *Morfotopônimos*: são os topônimos cujo sentido reflete a formas geométricas: Triângulo Mineiro – MG;

j) *Zootopônimos*: são os topônimos que se referem aos animais: Praia da Arara – MT.

Taxonomias de Natureza Antroponímicas

a) *Animotopônimos ou Nootopônimo*: são os topônimos que se referem a vida psíquica e a cultura espiritual do homem, não pertencentes a cultura física: Sorriso – MT, Córrego Inveja – MT;

- b) *Antropotopônimos*: são os topônimos que recuperam nomes próprios e individuais formados a partir de prenomes, apelidos de família, hipocorísticos, alcunhas, geralmente evidenciando a noção de posse: Luciara – MT, Porto do Baé – MT;
- c) *Axiotopônimos*: são os topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios individuais: Dom Aquino – MT, General Carneiro – MT, Barão de Melgaço – MT;
- d) *Corotopônimos*: são os topônimos referentes a nomes de cidade, estados, países, estados e continentes: Fazenda Paranaíba – MT;
- e) *Cronotopônimos*: são os topônimos que indicam a passagem do tempo (novo/nova, velho/velha, antigo/antiga): Nova Xavantina – MT, Novo São Joaquim – MT;
- f) *Dirrematopônimos*: são os topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos: Córrego Molha-Pelego – MT;
- g) *Ecotopônimos*: são os topônimos referentes às habitações de um modo geral: Córrego Ranchão-MT;
- h) *Ergotopônimos*: são os topônimos que se referem a elementos da cultura material do homem: Tesouro – MT, Cachoeira da Usina – MT;
- i) *Etnotopônimos*: são os topônimos relativos a grupos étnicos, isolados ou não: Gaúcha do Norte – MT, córrego dos Índios – MT, Praça dos Garimpeiros – MT;
- j) *Hierotopônimos*: são os topônimos que se referem a nomes sagrados de crenças diversas, assim como aos elementos, acontecimentos e locais religiosos: Rosário Oeste – MT. Esta taxa se subdivide em: hagiotopônimos (topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano: Nossa Senhora do Livramento – MT) e mitotopônimos (Ribeirão do Saci – ES);
- l) *Historiotopônimos*: são os topônimos que reportam fatos histórico-sociais, bem como seus personagens e datas comemorativas: Rua Independência.
- m) *Hodotopônimos ou Odotopônimos*: são os topônimos relativos às vias de comunicação rural e urbana: Ponte Branca-MT;
- n) *Numerotopônimos*: são os topônimos referentes a adjetivos numerais: fazenda Dois Córregos – MT;
- o) *Poliotopônimos*: são os topônimos que possuem em sua denominação os vocábulos vila, cidade, aldeia, povoado, arraial, isto é, que denotam aglomerados populacionais: Vila Rica – MT;
- p) *Sociotopônimos*: são os topônimos que fazem relação às atividades profissionais, aos locais de trabalho, pontos de reunião e encontros de uma comunidade: Engenho Novo – MG;
- Q) *Somatopônimos*: são os topônimos empregados metaforicamente às partes do corpo humano ou animal: Fazenda Olho d'Água – MT.

Taxonomias Adicionais

Segundo Dick (1990) “a medida que se vai penetrando nos segredos das designações verifica-se que outras formas nominativas podem ocorrer, [...] em função da abrangência total e completa das taxonomias possíveis” (DICK, 1990, p. 29). Considerando essa afirmação Zamariano (2006) propõe em sua dissertação mais cinco taxonomias para contribuir no modelo de classificação. São elas:

- a) *Acronimotopônimos*: relativos às siglas: Cianorte (PR);
- b) *Estematopônimos*: os percebidos pelos sentidos: Ribeirão Doce (PR);
- c) *Grafematopônimos*: os que apresentam entre os elementos distintivos letras do alfabeto: Seção C (PR);
- d) *Higietopônimos*: relativos à saúde, à higiene, ao estado de bem-estar físico: Água Limpa (PR);
- e) *Necrotopônimos*: os que se referem ao que são ou que está morto, a restos mortais: Córrego Caveira (PR) (DICK, 1990, p. 29).

Em nossa análise dos dados, além das taxonomias propostas por Dick (2004), nos apoiamos nesse acréscimo de taxonomias proposto por Zamariano (2006). Na próxima seção, portanto, apresentamos os resultados e discussão dos dados.

Resultados e Discussão

A investigação que realizamos acerca dos topônimos de alguns municípios do Vale do Araguaia está relacionada a fatores históricos e de memórias que esses topônimos trazem arraigados em si, ou seja, o estudo da toponímia nos permite vincular todos esses conceitos de forma coerente, tal como ressalta Maeda (2006):

[...] a toponímia pode confirmar-se como instrumento que atua funcionalmente como forma conservadora da memória do núcleo que se faz presente nos estágios denominativos, capaz de recuperar os momentos históricos vividos e a própria trajetória do homem na formação do grupo, não se pode esquecer que o referente desempenha o papel de significância, imanente aos elementos do signo linguístico, capaz de revelar nas formas denominativas geográficas os valores sócio-culturais do grupo-meio retratado. (MAEDA, 2006, p. 272).

É sabido que a ocupação do Vale do Araguaia se deu devido à chamada Marcha para o Oeste, acontecimento que permitiu o estabelecimento de novos municípios nessa região. Ao estudar a história desses municípios, fica evidente a semelhança histórica que eles possuem, uma vez que os quatro municípios abordados neste artigo são marcados por influências da migração de pessoas de diversos lugares do Brasil, em especial da região Nordeste. Migração que ocorreu principalmente pela busca de garimpos de grandes riquezas que haviam na região Araguaia, ratificando que as ricas minas encontradas motivaram centenas de pessoas a se instalarem no local e, então, iniciar o povoamento.

A análise das entrevistas juntamente com o estudo das fotos e das fundamentações teóricas nos permitiu apresentar os resultados a seguir e a entender o quanto o resgate de memórias é uma técnica de pesquisa que muito pode auxiliar no desvendamento de fatores pertinentes ao espaço que estudamos, pois

[...] as memórias compõem anamórficamente a realidade da cidade, e a opinião se torna o elemento necessário desta operação de mixagem pela qual chegam até nós essas condensações de tempos, esses deslocamentos de nomes provocando modificações sensíveis em nossa percepção da cidade (BRESCIANI, 1992, p.19).

Iniciando a discussão dos dados pelo município de Barra do Garças, em relação ao nome da cidade *Barra do Garças* (inicialmente conhecida por *Barra Cuiabana* e também *Barra do Rio das Garças*), essa denominação surgiu devido ao fato do vilarejo ter se estabelecido às margens do Rio Garças. Então, ao analisarmos a nomenclatura, percebemos que houve uma junção de dois nomes: *Barra Cuiabana* (Hidrotopônimo + Enotopônimo) com *Rio das Garças* (Zootopônimo), formando por elipse o nome *Barra do Garças*, topônimo que, aliás, possui um sentido natural. Entendemos “sentido natural” tal como explicação de Grice *apud* Guimarães (1995, p. 31): “seria do tipo: vê-se uma pegada de cachorro em uma trilha e sabe-se que isso significa que ali passou um cachorro. Já o sentido não natural depende da intenção de quem fala relativamente a para quem se fala”. Diante disso, podemos assinalar que o sentido natural se caracteriza como notório, evidente, já o sentido não natural é aquele que necessita de algum tipo de explicação, seja histórica, linguística, entre outras.

Seguindo esse mesmo sentido natural, podemos citar o topônimo *Águas Quentes* (clube balneário) (Figura 1) formado por um Hidrotopônimo e um Estematopônimo.

Figura 1: Clube Águas Quentes



Fonte: Tadeu Fessel¹

Um topônimo de procedência interessante é o *Porto do Baé*. Na realidade o local é oficialmente nomeado como *Parque Salomé José Rodrigues*, nome do pai do ex-deputado estadual Antonio Joaquim, porém, este nome é pouco conhecido e citado pela população da cidade, o que demonstra que o fator cultural influencia muito no ato de nomear. Cultural porque o nome *Porto do Baé*, segundo uma de nossas entrevistadas, teve a seguinte origem:

Baé lembra uma pessoa, não é, da cidade de Barra do Garças que antes da construção da ponte que liga Mato Grosso – Goiás, essa ponte, esse transporte pra se chegar a Aragarças era feito por meio de canoas, não é? [...] **Porto do Baé** era uma homenagem ao Baé [...]. Sempre trabalhou fazendo essa travessia. Havia outros que também fazia, mas ele se destacava porque ele era uma pessoa muito alegre, muito comunicativa, e sempre estava disposto (P.B. entrevistada no dia 02/02/09). **(Grifo nosso)**.

Diante disso podemos classificar o topônimo *Porto do Baé* como um Antropotopônimo. Na mesma classificação e de semelhante história está o nome *Monchão do Arueira*. Relacionado a questões de garimpo, outra entrevistada nos explica de forma simplificada o motivo do nome:

[...] como o garimpo era um monchão. Monchão é aquela região [...] aonde é que se tirava a terra, pra descobrir o cascalho, pra lavar, pra tirar o diamante [...]. E esse homem que chamava, fulano de tal Arueira, então pôs o nome **Monchão do Arueira**, que era dele. Por isso (D.B. entrevistada no dia 03/02/09). **(Grifo nosso)**.

Confirmando a fala de Diniz (1995) complementa dizendo que essa descoberta trouxe vários outros garimpeiros para o local o que conseqüentemente fez surgir uma espécie de povoado na região. Houve um processo de legalização de terras e o *Monchão do Arueira* passou a pertencer a José Guimarães Filho. Com o passar do tempo o garimpo foi perdendo seu potencial e junto com o diamante o povoado dali também foi desaparecendo.

¹ Disponível em: <http://hotelboaviagem.net/>. Acesso em: 07 jul. 2018.

Outro importante nome e que está ligado à origem do povoamento de Barra do Garças é a *Praia da Rapadura*. Antes de chegar à Barra do Garças os povos em busca de cultivos e garimpos, a região era habitada por indígenas que, até então, não tinham que disputar seus alimentos com mais ninguém a não ser com outras tribos. Quando os ditos “civilizados” chegaram, os indígenas foram distanciados de suas terras, fato que os fizeram rebelar-se em defesa do que, então, lhes pertencia. Com o intuito de acalmá-los e estabelecer relações cordiais, os conquistadores deixavam à noite, no travessão do rio, algumas coisas das quais os índios gostavam, como farinha e rapadura. Eis, dessa forma, a origem do nome *Travessão da Rapadura*, conhecido atualmente por *Praia da Rapadura* (DINIZ, 1995). Seguindo as taxonomias de Dick (2004), podemos classificar este topônimo como um Ergotopônimo.

Partindo para a análise do município de Nova Xavantina-MT, descobrimos em nossos estudos que o nome da cidade possui uma explicação que demonstra uma luta por hegemonia histórica. Segundo alguns dados encontrados no site da prefeitura da cidade, esse nome tem sua origem da junção de dois povoados que possuíam denominações diferentes, ou seja, o primeiro povoado, *Xavantina*, situado à margem direita do Rio das Mortes, foi assim denominado devido ao povo primitivo da região – o xavante; o segundo povoado que surgiu depois, à margem esquerda, era conhecido por *Nova Brasília*. Com o passar dos anos, ambos povoados se tornaram distritos. Ao tornar-se município, extinguíram-se os dois distritos pré-existentes e então surge uma

[...] luta popular pela prevalência do nome próprio, que passaria a ser do município. Em se tratando de uma povoação apenas, surgiu a proposta de se unir os dois nomes populares num só. *Xavantina* contribuiu com sua própria denominação, enquanto que *Nova Brasília*, nome composto, contribuiu com o termo “Nova”. A denominação “Nova” de *Nova Xavantina*, não nasceu por diferenciação de algum município denominado *Xavantina*, mas por razão interna de uma povoação, que fundiu duas outras anteriores². (**Grifo nosso**).

Sendo assim, podemos classificar a nomenclatura *Nova Xavantina* como a junção de um Cronotopônimo e um Etnotopônimo.

Aprofundando-nos no estudo do município de Nova Xavantina pesquisamos também a origem do nome *Rio das Mortes*. De acordo com Santos (2005), a motivação toponímica desta designação está relacionada à grande quantidade de assassinatos ocorridos às margens do rio, tanto entre garimpeiros na disputa violenta por riquezas, quanto entre xavantes e bandeirantes. Há também a história de que os xavantes assassinaram, no século XX, salesianos que estavam em missão de catequização. Como se pode observar, o rio é coberto de lendas e justificativas para seu nome e pelo fato desse nome estar interligado à história local, portanto, concordamos com Santos (2005) que o classifica como um Historiotopônimo.

A respeito do topônimo *Serra do Roncador* (Figura 2), uma de nossas entrevistadas disse que a Serra possui esse nome devido ao fato de, à noite, ela parecer estar roncando como se fosse o motor de uma grande máquina sem parar. Diante disso, tomando por base as taxonomias dispostas neste artigo, entendemos que esse nome se adequa à classificação de um Animonotopônimo, pois se refere à “vida psíquica e à cultura espiritual não pertencente à cultura física” (ZAMARIANO, 2006, p. 91).

² Informação extraída do site da Prefeitura Municipal de Nova Xavantina. Disponível em: <http://www.prefeituranovaxavantina.com.br/index.php?exibir=secoes&ID=54>, Acesso em: 21 abr. 2009.

Figura 2: Serra do Roncador



Fonte: Tadeu Fessel³

Na classificação dos Fitotopônimos se inserem os nomes: *Ilha do coco* e *Praça Pau D'óleo*. O primeiro recebeu este nome devido a uma palmeira predominante no local – o babaçu; o segundo possui essa denominação por causa de uma árvore típica da região.

A respeito da cidade Araguaiana, descobrimos que ela possuiu pelo menos três denominações. Na realidade, o município surgiu a partir de um presídio chamado *Insula*, instalado no local com o intuito de recrutar homens do Norte e Nordeste do país para a Guerra do Paraguai. Nesta época, o município era denominado *Porto do Rio Grande*. Depois, se chamou *Registro do Araguaia* e por fim, *Araguaiana*. Um de nossos entrevistados, S.Z., nos esclarece as denominações:

Araguaiana, o nome foi dado por causa do rio Araguaia [...] e dizem que a primeira moradora [...] chamava Ana, então ficou Araguaiana. Porto do Rio Grande era um porto de entrada do povo do norte, nordeste, que vinham pra exploração dos garimpos aqui no Mato Grosso, não é? Então, é [...] Entravam todos por aqui [...]. Registro porque aqui se registrava [...]. Aqui se vinha registrar tudo, até as canoas eram registradas pra poder atravessar o rio [...] ela foi município com o nome de Registro, depois veio o plebiscito para Araguaiana ela se tornou município também. Aí depois em 1948 transferiu pra Barra do Garças o município daqui, não é? Foi pra lá. Aí depois voltou a ser emancipado novamente com o nome de Araguaiana (S.Z. entrevistado no dia 23/04/09). **(Grifo nosso)**.

Segundo Santos (2005), a palavra *Araguaia* vem do tupi *Aráguaya* cujo significado é “os papagaios mansos”. Sendo assim, classificamos o topônimo *Araguaiana* (junção de Araguaia com Ana) como uma união de um Zootopônimo e um Antropotopônimo.

Os topônimos encontrados na cidade de Araguaiana possuem, em sua maioria, o sentido natural, quando não, são ligados à religiosidade católica ou possuem denominações de nomes de pessoas que participaram da história do local.

Um desses topônimos que nos chamou a atenção foi a *Escola Jerônimo Gomes* (Antropotopônimo). A entrevistada D.L., fez uma observação acerca do nome:

³ Disponível em: <http://www.portaturismobrasil.com.br/atracao/6634/Serra-do-Roncador>. Acesso em: 07 jul. 2018.

[...] colocou esse nome na escola ali em cima de **Jerônimo Gomes**, por causa do doutor Dercy que foi ele que fez o colégio, ele mais o Valdon Varjão fizeram o colégio. Aí colocaram o nome do pai dele que até hoje é uma polêmica, que até hoje ninguém nunca quis esse nome. Eu mesma sempre fui contra, nunca quis, era meu parente, mas eu era contra. Porque ele num era uma pessoa de boa índole, não é. Então eu achava que não devia (D.L. entrevistada no dia 23/04/09). (**Grifo nosso**).

De acordo com a fala da entrevistada, percebemos um descontentamento popular acerca do nome dado à Escola devido a um resgate de uma memória desprestigiada que esse nome denota.

O nome da *Igreja Nossa Senhora da Piedade* está relacionado à história da padroeira da cidade e é classificado como um Hagiotopeônimo. A mesma informante D.L. nos contou detalhadamente como aconteceu a história da escolha dessa padroeira:

A história da Nossa Senhora da Piedade foi, mandaram uns caixotes de santos, então era pra ser distribuídos entre Araguaiana, é, Aruanã, hoje Aruanã, que era Leopoldina chamava, e São Miguel do Araguaia que hoje é São José. Aí então, eles trouxeram esses caixotes mas o que era pra ficar aqui era São José num era Nossa Senhora, só que quando eles desembarcaram aqui na beira do Rio, tiraram os caixotes da embarcação e colocaram no barranco do Rio. Aí cada um carregaram o seu. Daí o povo daqui apanharam, os caixotes era igual, apanharam o caixote, cada um pegou e os outros dois voltaram pras embarcações e foram embora, aí quando abriu era Nossa Senhora da Piedade. Aí ninguém deixou trocar porque eles puseram na cabeça de que foi ela que escolheu ficar aqui, não é? (D.L. entrevistada no dia 23/04/09).

Por fim, analisaremos alguns topônimos do município Baliza-GO. A respeito das denominações encontradas no local pudemos observar algumas semelhanças com o modo de nomear lugares da cidade de Araguaiana, porém as histórias são diferentes. Se por um lado Araguaiana teve grande influência da religião católica no ato de nomear, por outro Baliza teve bastante influência do garimpo. Iniciando pelo nome do município, a explicação que encontramos foi:

Baliza, localizado no Alto Araguaia, registrou a presença de seus fundadores por volta de 1924 com a chegada dos garimpeiros Cosme e Borges, descobridores de um monchão, dando início à formação de um povoado. O nome **Baliza** deriva de uma pedra existente no Rio Araguaia, com mais de 5 metros de altura, que servia de ponto de referência para as embarcações⁴. (**Grifo nosso**).

Diante dessa nomenclatura, encontramos certa dificuldade em classificá-la, por Baliza ser representada por uma pedra (Figura 3) e por representar um ponto de encontro para fins de negociação, classificamos, então, como a união de Litotopeônimo + Sociotopeônimo.

4 Informação extraída de um panfleto da Prefeitura Municipal de Baliza-GO sobre o histórico do município.

Figura 3: Pedra da Baliza



Fonte: Panfleto da Prefeitura Municipal de Baliza-GO.

Pertinente à história dos garimpos está, também, o topônimo *Praia dos Alemães* (Etnotopônimo). Segundo moradores da cidade, a praia é assim denominada porque lá era o local onde os alemães realizavam a prática do garimpo.

Outro local onde os garimpeiros costumavam garimpar é o *Travessão do Angico* (Hodotopônimo + Fitotopônimo). Segundo informantes o lugar recebeu este nome por se tratar de um cruzamento onde há uma árvore de angico. O *Córrego Perdizes* (Zootopônimo) da mesma forma foi explicado, pois devido à grande presença de perdizes no local, colocaram esse nome.

Por meio de conversas e observações, pudemos perceber que é frequente a nomeação dos locais com seu sentido natural, na verdade, todos esses locais são denominados pela própria população, não é uma nomenclatura oficial.

Considerações Finais

Por se tratar de uma pesquisa que envolve topônimos e pequenas cidades da região do Vale do Araguaia, durante a investigação enfrentamos dificuldade em relação à bibliografia sobre o assunto, ou seja, há uma ausência de estudos sobre topônimos propriamente, e principalmente sobre as cidades em questão. Para contornar esse problema, buscamos realizar uma pesquisa apoiada essencialmente na história oral, pois, conforme Roy (1976), sabemos que a utilização da história oral “aplica-se principalmente aos casos em que a documentação escrita é insuficiente para esclarecer dados que já possuímos ou para testar hipótese” (ROY, 1976, p.124).

Tal como foi demonstrado no decorrer desse artigo, são vários os processos de nomenclatura que estão na base da criação dos topônimos dos municípios da região Araguaia, isto é, a motivação toponímica pode ser de origem cultural, natural, histórica, religiosa, etc. No entanto, diante de todas as afirmações analisadas pudemos perceber que há uma tendência bastante forte para a nomeação a partir do sentido natural, isso talvez se explique pela necessidade que o homem tem de nomear os lugares a fim de se localizar no espaço, sendo assim, tomar um espaço e o denominar partindo de seus aspectos naturais visíveis torna-se viável.

Percebemos que, de uma maneira ou de outra, esses topônimos têm relações com os fatores de migração e de garimpo. Como é o caso dos topônimos *Monchão do Aroeira*, *Praia dos Alemães*, etc.

Podemos afirmar que se há distintos fatores para a denominação de um lugar é porque há vários agentes motivadores na base do nome deste lugar, demonstrando que a escolha dos nomes não é algo aleatório e impessoal (MAEDA, 2006). Em vista disso, evidencia-se que o território não se limita a uma demarcação geográfica, pois traz consigo elementos sócio-culturais de toda a população que ali se instala (RIBEIRO, 2000).

Ao final da pesquisa, notamos que, por meio dos estudos toponímicos, podemos desvendar muitos aspectos da região estudada, e ao investir em pesquisas referentes a esse tema, estaremos também investindo no conhecimento desta região, favorecendo uma divulgação e disseminação de suas particularidades. Vale ressaltar que por meio da toponímia podemos, inclusive, realizar um estudo interdisciplinar, isto é, ao mesmo tempo em que estudamos os aspectos geográficos que envolvem determinado nome é possível estudar a história e tantos outros aspectos que esse nome carrega consigo.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. Cidades: espaço e memória. In: SÃO PAULO: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. V 2. Campo Grande - MS: Ed. UFMS, 2004.
- _____. **Toponímia e Antroponímia no Brasil: coletânea de estudo**. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH, 1990.
- DINIZ, Zélia dos Santos. **Conhecendo Barra do Garças**. Barra do Garças: Kelps, 1995.
- FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística: I Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas – SP: Pontes, 1995.
- GUIRRA, Maria Celeste Saad. **Saussure e Bakhtin: duas visões de signo linguístico**. 1990.
- MAEDA, Raimunda Madalena Araújo. **A toponímia sul-mato-grossense: um estudo dos nomes de fazendas**. 2006. 276f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Câmpus de Araraquara. 2006.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. **A língua como objeto da linguística**. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística: I Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- RIBEIRO, Hidélberto de Souza. **O migrante e a cidade: dilemas e conflitos**. 2000. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita – UNESP/Campus de Araraquara, 2000.
- ROY, M. Malatian. História Oral. **Estudos históricos**. N 15, Depto História. UNESP. Marília, 1976.
- SANTOS, Florisvaldo Fernandes dos. **Estudo toponímico do município de Barra do Garças, microrregião do médio Araguaia, Mato Grosso: contribuição para o atlas toponímico de Mato Grosso**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo-USP, Facul-

dade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2005.

SAPIR, Edward. Língua e Ambiente. In: CÂMARA JR, Joaquim Mattoso (Org.). **Linguística como Ciência: ensaios** Tradução: Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969. p. 43-62.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 15. ed. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1988.

ZAMARIANO, Márcia. **Toponímia paranaense do período histórico de 1648 a 1853**. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, 2006.

Recebido em 28 de abril de 2021.

Aceito em 25 de maio de 2021.